

CRÍTICA / TEATRO / A COISA

Alguma coisa acontece no meu coração

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

No século passado existiam algumas expressões para definir um grupo de três pessoas. Uma delas era intitulada “Trio Maravilhoso Regina”, a publicidade da marca de cosméticos na década de 1950. Esse poderia ser o subtítulo da peça “A Coisa” que reúne um trio de artistas de teatro, George Sauma, André Dale, Leandro Soares - capazes de arrancar risadas, gargalhadas, sorrisos com competência.

Desde o século 19, a cena teatral carioca tem como forte tônica o humor. A mais recente delas, ao final do século, foi o Besteirol. Indo na contramão do teatro político, encheu teatro com o surgimento de grandes atores, autores, diretores. caracterizado pelo humor irreverente, nonsense e satírico. Ao trazer uma abordagem mais leve, descompromissada e muitas vezes absurda foi uma lufada de alegria em um momento de tristeza, os anos de chumbo.

A idéia de “A Coisa”, aparentemente, é a peça dentro

Ricardo Brajerterman/Divulgação



George, André e Leandro arrancam risos da plateia com competência

da peça, mas vai além na criação colaborativa do trio. Brinca com todas as correntes tradicionais de teatro. Os gregos, commedia dell'arte, Shakespeare e não deixam pedra sobre pedra.

Há memória das características do besteirol: humor nonsense, ironia e paródia, improviso e exagero, quebra da quarta parede, cenários e figurinos simples. O diferencial é a atualização, com os 3 atuando com agilidade, na troca de papel/personagem, o que obriga à mudança brusca de voz e movimento corporal, o que acontece de forma bem-sucedida.

Como a concepção, direção e atuação é dos três o texto de Leandro, com co-autoria de André, o que se vê e a sucessão de esquetes nos quais se revezam, sem haver destaque ou predominância de ator.

Há de um tudo: escracho, textos ferinos, com destaque ao quadro Coxia, danças bem executadas ainda que sejam executadas totalmente debochadas, as críticas em A máscara, com as belas máscaras da Commedia dell'arte. O resultado é um panorama que prova que o encontro do teatro é sempre uma festa.

SERVIÇO

A COISA

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon) | Até 26/3, às terças e quartas (20h) | Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Raízes cariocas

“Vinte!” é uma reivindicação ficcional da memória dos movimentos artísticos negros dos anos 1920 no Brasil. A partir de uma crítica à peça “Tudo Preto” (1926), da Companhia Negra de Revistas, o musical constrói uma relação poética com a cidade do Rio, com as artes e com o tempo, sob uma perspectiva negra e contemporânea. Com direção de Mauricio Lima e texto de Tainah Longras, aposta em uma experimentação cênica e sonora inspirada no choro, jazz e samba. CCB B RJ. Qui a sáb, às 19h. Dom, às 18h. R\$ 30.

Ira Barillo/Divulgação



Fábio Salles/Divulgação



Desvendando estrelas

“Do que são feitas as estrelas”, em cartaz no Sesc Tijuca, conta a história da astrônoma e cientista britânica Cecilia Payne-Gaposchkin que descobriu do que são feitas as estrelas. Tinha apenas 25 anos e precisou enfrentar o ambiente machista que dominava a ciência e o ambiente acadêmico. Este é o ponto de partida do espetáculo infanto-juvenil, inédito no Rio. A montagem paulistana tem idealização da atriz Luiza Moreira Salles, com direção de Kiko Marques e dramaturgia de Sofia Fransolin. De forma lúdica e poética, a peça fortalece a importância da curiosidade.

Jow Coutinho/Divulgação



Salve Mercedes!

Em cartaz no Teatro Domingos de Oliveira, o espetáculo “Mão na Barra, Pé no Terreiro”, com Ivanna Cruz, conta a vida de Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Teatro Municipal, dançarina e coreógrafa que revolucionou a dança contemporânea no Brasil, quebrando barreiras e inspirando gerações a ponto de mais de 90% dos artistas e técnicos envolvidos nesta produção serem negros. A direção artística é de Luiz Antônio Rocha; o texto de Ivanna Cruz, Luiz Antônio Rocha e Pedro Sá de Moraes. Coreografias: Diego Rosa; cenário e figurinos: Eduardo Albini; e iluminação: Ricardo Fuji.